

## FELIPPE D'OLIVEIRA E AS AÇÕES CONSPIRATÓRIAS DA REVOLUÇÃO DE 1930A<sup>1</sup>

LUCAS DA CUNHA ZAMBERLAN (UFSM)  
PEDRO BRUM SANTOS (UFSM)

**RESUMO:** O poeta Felipe D'Oliveira foi uma figura marcante na sociedade fluminense do início do século XX. Além de atleta versátil e diretor da Laboratórios Daudt, Oliveira & Cia, Felipe transitou pelos diferentes círculos da cultura local e, nesse tempo, publicou dois livros: *Vida Extinta*, de 1911 e, *Lanterna Verde*, de 1926. No entanto, a despeito de seu entusiasmo pela literatura, o poeta não se distanciou das causas sociais e políticas de seu tempo. Entre os anos de 1928 e 1930, o poeta atuou nas ações de cunho articulatório que culminaram com a tomada do poder pelos parlamentares integrantes da Aliança Liberal, liderados por Getúlio Vargas. O grupo conspiratório, autodenominado Tríade Indissolúvel, era formado por Felipe e seu irmão João Daudt e pelo deputado federal João Neves da Fontoura. O círculo manteve contato frequente, via cartas, durante o período e se concentrou, também, em estabelecer uma comunicação efetiva com outros membros da aliança. Desse modo, este trabalho, circunscrito à pesquisa de pós-doutorado, da linha de pesquisa Literatura, Comparativismo e Crítica Social, visa apresentar a natureza teórica e epistemológica da pesquisa em andamento, ressaltando: a) o papel desempenhado por Felipe D'Oliveira na Revolução de 1930 e b) de que forma o tema político se relaciona com a sua obra. Para tanto, lançaremos mão de teóricos oriundos da sociologia e da história, como Sevcenko, Hobsbauwn e Le Goff, para a análise desses documentos e do material artístico do autor.

**PALAVRAS-CHAVE:** Felipe D'Oliveira. Revolução de 1930. Cartas.

**ABSTRACT:** The poet Felipe D'Oliveira was a striking figure in Rio de Janeiro society in the early twentieth century. In addition to being a versatile athlete and director of Laboratorios Daudt, Oliveira & Cia, Felipe moved through different circles of local culture and, at that time, published two books: *Vida Extinta*, 1911 and, *Lanterna Verde*, 1926. However, despite his enthusiasm for literature, the poet did not distance himself from the social and political causes of his time. Between years 1928 and 1930, the poet acted in the articulatory actions that culminated in the seizure of power by the members of the Aliança Liberal, led by Getúlio Vargas. The conspiratorial group, self-styled Tríade Indissolúvel, was formed by Felipe and his brother João Daudt and by federal deputy João Neves da Fontoura. The circle maintained frequent contact, via letters, during the period, and also concentrated on establishing effective communication with other alliance members. Thus, this work, limited to postdoctoral research, of research line Literatura, Comparativismo e Crítica Social aims to present the theoretical and epistemological nature of the research in progress, highlighting: a) the role played by Felipe D'Oliveira in the 1930's revolution and b) how the political theme relates to his work. In order to do so, we will use theorists from sociology and history, such as Sevcenko, Hobsbauwn and Le Goff, to analyze these documents and the artistic material of the author.

**KEYWORDS:** Felipe D'Oliveira, 1930's Revolution, Letters.

### 1 INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

O poeta Felipe D'Oliveira é considerado uma personalidade marcante no campo intelectual brasileiro do início do século XX. Nascido na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul, o autor principiou sua trajetória literária em Porto Alegre, publicando versos e críticas de arte no jornal *Correio do Povo*. Em 1910, após ter se formado como farmacêutico pela Faculdade Livre de Medicina e Farmácia de Porto Alegre, D'Oliveira seguiu com sua família para o Rio de Janeiro, onde assumiu a direção da Laboratórios Daudt, Oliveira & Cia juntamente com seu tio e tutor João Daudt Filho, o tio Jango (COSTA, 1990, p. 21-29).

A extensão bibliográfica do autor se coaduna com a sua breve existência. Acometido de uma tragédia familiar antes mesmo de nascer – seu pai, o pernambucano Felipe Alves de Oliveira, fora assassinado por motivos políticos enquanto caminhava pelas ruas de Santa Maria com Maria Adelaide Daudt de Oliveira, mãe do poeta – Felipe D'Oliveira morreu de forma abrupta aos 42 anos, em um acidente de automóvel nas proximidades de Paris, cidade que habitava após ter se exilado um ano antes, em 1932. Sua obra, pois, é marcada pela publicação em vida de apenas dois livros, *Vida Extinta* (1911) e *Lanterna Verde* (1926) que, embora sejam sublinhados pela manipulação de diferentes técnicas formais, confirmam, pela sensibilidade e pelo rigor estilístico, a consagração de um lirismo inconfundível, no qual a atenção pelo ritmo e a original construção de imagens se harmonizam, como aponta Rodrigo Otávio Filho: “Felipe é poeta de riqueza vocabular, de imaginação excitada, e que tem – como lembra ainda Ronald de Carvalho – a originalidade de construir muitas vezes a imagem pelo som, pela mola disciplinada dos ritmos” (FILHO, 1986, p. 570).

No dia 23 de agosto, data de seu aniversário, no ano de sua morte, 1933, o irmão de Felipe, Joao Daudt de Oliveira, com a parceria de intelectuais e amigos, fundam a Sociedade Felipe D'Oliveira que durou dez anos. Por meio dessa iniciativa, são publicadas outras obras do autor, como *Alguns poemas* (1937), a peça *Terra Cheia de Graça* (1934) e, em prosa, *Livro Póstumo* (1938), além da reedição de *Vida Extinta* e *Lanterna Verde*. Já em 1990, no ano de centenário de seu nascimento, é publicado o volume *Obra completa* em um esforço colaborativo entre a Universidade Federal de Santa Maria, a Associação Santa-Mariense de

Letras, o Instituto Estadual do Livro e o Centro de Pesquisas Literárias da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

O intenso envolvimento de Felipe com o universo da arte, visto que, além de sua produção poética, o autor contribuía, com regularidade, para os periódicos *Revista Fon-Fon*, *Gazeta de Notícias*, *O País*, *A Imprensa*, *O Malho* e *Para Todos* e seu desempenho como diretor da Laboratórios Daudt, Oliveira & Cia lhe garantiram uma popularidade admirada por muitos contemporâneos. Paulo Prado, por exemplo, que inspirou, com acuidade, o pensamento multicultural de Mário de Andrade e Oswald de Andrade, assinalou que “auto, rádio, avião, tudo se agitava e se movia sob a direção alegre e esportiva de Felipe D’Oliveira” (COSTA, 1990, p. 25). De fato, Felipe D’Oliveira preservou, durante sua vida no Rio de Janeiro, uma relação muito íntima com os esportes. Ele praticou remo, natação, ginástica, esgrima e automobilismo, além de ter sido responsável pela remodelação do Clube de Regatas Guanabara, sendo um dos criadores da Federação Carioca de Esgrima.

No entanto, a despeito de seu entusiasmo pelo entretenimento e pela competição, o poeta não se distanciou das causas sociais e políticas de seu tempo. Entre os anos de 1928 e 1930, período antecedente à Revolução de 1930, Felipe D’Oliveira, atuou, decisivamente, nas ações de cunho articulatório que culminaram com a tomada do poder pelos parlamentares integrantes da Aliança Liberal, liderados pelo gaúcho Getúlio Dornelles Vargas e o paraibano João Pessoa, derrotados nas eleições presidenciais de 1929 pelo paulista Júlio Prestes.

O grupo conspiratório, autodenominado Tríade Indissolúvel, era formado por Felipe e seu irmão João Daudt e pelo também poeta e deputado federal João Neves da Fontoura. O círculo manteve contato frequente, via cartas, durante o período e se concentrou, também, em estabelecer uma comunicação efetiva com outros membros da aliança, como Borges de Medeiros, João Pinto da Silva, Paim Filho, Fausto de Castro, Francisco Campos, além do próprio líder Getúlio Vargas.

Dessa forma, este artigo, ligado à literatura comparada, apresenta uma proposta investigativa e analítica que visa descrever os passos que estão sendo dados no desenvolvimento da pesquisa. De modo geral, eles concentram-se na leitura, ordenação,

digitalização, atualização ortográfica e organização de notas de um conjunto de quarenta e sete cartas trocadas entre os integrantes dos escritórios montados no Rio de Janeiro e Porto Alegre. As correspondências, cujas datas ocupam um intervalo cronológico de março de 1928 a agosto de 1930, foram doadas, em 1990, por familiares de Felipe D'Oliveira ao município de Santa Maria.

Após o término dessa fase, pretendemos realizar um estudo do contexto literário, social e político da época, situando a figura específica de Felipe D'Oliveira nesse cenário, potencializando, assim, a) a importância do conteúdo dessas correspondências e; b) a natureza da relação que a poesia do escritor mantém com a sua ideologia. Assim, será possível empreender uma intrínseca associação entre produção literária e a inserção histórica dos autores do final dos anos 1920 e início de 1930, com ênfase no poeta santa-mariense.

## **2 JUSTIFICATIVAS**

O diálogo teórico entre literatura e história tem-se revelado, ao longo do espaçoso percurso delineado pelos estudos a acerca da linguagem, extremamente fecundo. A intensa correspondência entre esses dois campos do saber converge, incontestavelmente, para uma prática colaborativa, na qual cada uma, ao seu modo, esclarece aspectos fundamentais da outra, contribuindo-se mutuamente. Tal intimidade epistemológica permite associações intelectivas que sedimentam a compreensão dos elementos intrincados configurativos do universo contemporâneo.

O presente trabalho, ao reconhecer a relevância dessa relação, circunscreve-se nos parâmetros dos estudos comparados, pois realça o casamento entre a poesia de Felipe D'Oliveira e a matéria histórica que o rodeia. O desvelamento e a consequente análise do conteúdo das cartas da Tríade Indissolúvel propiciam uma revisão do impacto que o poeta exerceu no cenário brasileiro, provocando, em concordância com a sua arte, a emergência de sua personalidade como um personagem crucial da política do país.

O intercâmbio de Felipe D'Oliveira entre a objetividade concreta do mundo real e a subjetividade lírica da arte não passou despercebido pelos companheiros de grupo. Em uma

das cartas, datada do dia 27 de junho de 1929, João Neves da Fontoura escreve a João Daudt de Oliveira:

O Felipe tem sido inexcusável de inteligência, tato e dedicação. Era, na tua ausência, o companheiro de que eu precisava. Decididamente, ao nosso poeta o que falta, para torná-lo feliz, é apenas um grande e alto interesse na vida. A SAÚDE DA MULHER<sup>2</sup> pode dar muito dinheiro, mas o poeta prefere uma musa mais sedutora, embora mais perigosa.

A referência a “musa mais sedutora” foi uma maneira indireta de João Neves da Fontoura mostrar a importância que Felipe emprestava à poesia. Inclusive, na avaliação do remetente, integrar-se à vida, ou seja, intervir nas coisas que o circunda é o que “falta” ao poeta, entregue aos encantos da musa literária. É também de Fontoura a frase célebre: “a poesia desta vez vira política”. Ela é proferida em um momento chave da conspiração e demonstra profunda relevância histórica do artista em relação às intenções dos aliados rebeldes: a ida de Felipe D’Oliveira a Pernambuco na tentativa de convencer, em uma *démarche*, o ex-vice-presidente da república Estácio Coimbra a apoiar a Aliança Liberal.

Assim, a pesquisa sustenta-se, como justificativa basilar, na premissa de resgatar e colocar em relevo a figura do poeta natural da cidade de Santa Maria Felipe D’Oliveira, destacando tanto a sua poesia quanto a sua participação no desenrolar da Revolução de 1930. Destarte, torna-se imperioso atentar ao ineditismo do material histórico que poderá ser organizado e publicado, juntamente com a pesquisa que deverá contextualizar os fatos mencionados pelos autores das cartas. Além disso, o estudo também buscará compreender a linha ideológica do autor, já que, apesar de ter participado, ativamente, do levante, ele apoiou, em oposição a Vargas, a Revolução Constitucionalista de 1932, após este não ter convocado novas eleições depois de assumir o poder. Desse último envolvimento, derivou o exílio do poeta, que viveu na Europa até o episódio do acidente fatal no ano seguinte.

Concatenada à ideia de valorização da cultural local da cidade de Santa Maria, julgamos premente uma perscrutação rigorosa da obra de Felipe D’Oliveira que não se distancie dos componentes externos ao texto. Essa abordagem se justifica, primeiramente,

---

<sup>2</sup> Saúde da Mulher, produto farmacêutico produzido pelo laboratório Daudt Oliveira & Cia.

pelo prestígio que o poeta gozava na sociedade da época – o busto de pedra polida esculpado por Victor Brecheret presente, hoje em dia, na praça Saldanha Marinho e a comoção nacional, noticiada em muitos jornais do país, após a morte prematura do autor são apenas dois exemplos. Sob um ponto de vista mais acadêmico, de fato existem poucos estudos específicos sobre a outra do autor e tal fenômeno contrasta com a abundância de menções ao seu nome em obras seminais da literatura brasileira, como Coutinho (1976, p. 270) e Martins (2010, p. 243), por exemplo.

Ademais, consideramos de suma importância, no atual momento da pesquisa no Brasil, a ocorrência de uma larga propagação de estudos que enfoquem a relação entre literatura e história. Por meio desse tipo de abordagem, acreditamos ser possível contribuir, por mínimo que seja, para o contexto sociocultural e político contemporâneo brasileiro.

### **3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS**

O historiador Eric Hobsbawm (2015), ao debruçar-se sobre a história do século XX, em *Era dos extremos*, principia sua análise desse período relativamente recente, concatenando os movimentos inaugurais que culminaram na Primeira Guerra Mundial (1914-1918). A visão do teórico, compartilhada por sociólogos, como Sevcenko (2014, p. 182), compreende que o século passado, apesar de ter seu início cronológico datado em 1901, se efetivou de fato, nos planos social, econômico e político com a eclosão da Grande Guerra e, conseqüentemente, com todos os seus desdobramentos que viriam a redefinir as relações de poder entre as principais potências mundiais.

A postura metodológica adotada pela maioria dos estudiosos não objetiva, por certo, minimizar a importância dos treze primeiros anos na História Universal. Muito pelo contrário: o impacto que esse efêmero período ocasionou, notadamente, nos meios de comunicação e transporte, permanece sem precedentes, coroando uma época que se beneficiou do aprimoramento de técnicas oriundas da segunda Revolução Industrial e, com isso, reconfigurou o universo das ciências, das artes, da moda e do comportamento. Philipp Blom, no seu cuidadoso exame sobre estes “anos vertiginosos”, observa que

Velocidade e euforia, angústia e vertigem eram temas recorrentes entre 1900 e 1914, quando as cidades explodiram em suas dimensões e as sociedades foram transformadas, a produção em massa entrou para a vida cotidiana, os jornais tornaram-se império das comunicações, o público de cinema contava-se às dezenas de milhões e a globalização trazia aos pratos dos britânicos carne da Nova Zelândia e cereais do Canadá, aniquilando a renda das velhas classes fundiárias e promovendo a ascensão de novos tipos: engenheiros, tecnocratas, as classes urbanas (BLOM, 2015, p.15-16).

Ao situar o contexto brasileiro, em perspectiva comparativa com o europeu, é possível identificar, no conjunto de medidas urbanizadoras efetuadas a partir do governo de Pereira Passos (1902-1906), no Rio de Janeiro, uma tentativa tropical de acompanhar a marcha civilizatória dos países que viviam a *Belle Époque*. No afã de montar uma nova estrutura para a cidade, em harmonia com os ideais republicanos, e, portanto, contra os velhos hábitos imperiais, as classes dominantes da capital, apoiados pela política local, incentivaram a modernização da paisagem fluminense. Esse regime, materializado, entre outras ações, pela inauguração da Avenida Central, em 1904, pela criação de um espaço público e, ainda, pela destruição de habitações coletivas foi acompanhado, com desenvoltura, pela renovação dos costumes, com a importação cada vez mais agressiva e artificial de um estilo de vida à moda francesa (SEVCENKO, 2014, p. 40-43).

Como consequência dessa série de transformações, além das pessoas pobres que sofreram, com gravidade, os prejuízos dessa nova política, a arte literária, de modo geral, também acabou afetada. Excessivamente institucionalizada e formatada em conformidade com modelos finisseculares europeus, a cultura foi representada por figuras ilustres do período, como Coelho Neto, Sílvio Romero, José Veríssimo, Rui Barbosa e Olavo Bilac. Eles revestiram a linguagem oratória e poética de preciosismos, fazendo com que, muitas vezes, a ornamentação estilística assumisse o protagonismo da expressão verbal. Nesses casos, coube ao conteúdo uma função lateral, meramente acessória e despida de significado.

O poeta Felipe D'Oliveira acompanhou os resultados desse processo urbano e comportamental. Residente na capital da república desde 1910, publicou, no ano seguinte *Vida Extinta*, reunião de nove poemas de inspiração simbolista compostos de versos devidamente medidos e rimados. Neles, se sobressai a nítida influência de poetas como

Cesário Verde, Baudelaire, Maeterlink e Cruz e Sousa, seja pela compleição formal dos textos, seja pela distribuição dos temas que vão dos sabores amorosos e inadaptação do sujeito à evocação de um passado distante e, como afirma Bosi (2006, p. 302), à concepção crepuscular da existência humana.

Ocorre que há uma substantiva mudança entre a literatura brumosa e luarenta encontrada em *Vida Extinta* e os versos de feição vanguardista de *Lanterna Verde*, mesmo que permaneça, como unidade lírica de singularidade, a verve estilística do autor. Aos versos medidos e rimas, corresponde a libertação métrica dos poemas, regulados, exclusivamente, pelo andamento rítmico das palavras; à predominância da expressão de uma subjetividade dolorida, corresponde uma atitude mais cerebral e até mesmo irônica, como acontece na sua obra-prima “Entrecruzamento de linhas”.

Segundo João Pinto da Silva, curiosamente um dos integrantes da conspiração política da qual faz parte Felipe D’Oliveira, em *História Literária do Rio Grande do Sul*, o modernismo do autor aproxima-se mais da ideia de modernidade, localizada, por exemplo, nas poéticas de Baudelaire, Verlaine ou Mallarmé, do que pelas experimentações verbais empregadas pelos artistas de 1922:

Na insubmissão estética do sr. Felipe D’Oliveira há, com efeito, boa dose de disciplina, discretas preocupações de número e ordem. Só a ruptura com as leis clássicas do metro é insofismável. Mas, essa ruptura não é invenção ou novidade no Modernismo. Já a praticavam – e com que impressionante efeito! – os simbolistas. Aliás, foram também do Simbolismo os processos de aliteração, de simultaneidade, de sugestão indireta, de síntese instantânea, de polifonismo, enfim, perfilhados e levados até as suas consequências últimas pelos modernistas (SILVA, 2013, p. 248).

A visão moderna do poeta Felipe D’Oliveira amadurece, portanto, em acordo com as mudanças estéticas e contextuais das primeiras décadas do século XX. Se, antes de 1922, “A economia, a educação e a cultura foram assim condenadas ao marasmo, sufocadas pelo primado da “ordem”, condição inseparável do “progresso” (SEVCENKO, 2014, p. 309), depois, em meados da década de 1920, as forças ideológicas ajustaram-se ao compasso de uma nova realidade, mais combativa e pragmática.

Ora, em certa medida, o Simbolismo, consequência formalizada do espírito do decadentismo, já aspirava, pelo exercício da espiritualidade, alcançar uma transcendência que negava, *per se*, o positivismo inerente à lógica da República Velha. Com isso, o Modernismo brasileiro pode ser encarado como um resultado, pós-Guerra, de uma sucessão de realizações artísticas que tiveram sua origem, ainda em estágio inicial, ainda na década anterior. Assim, sob essa determinada ótica, romper com a política café-com-leite, iniciada pelo governo Campos Sales, significava derrubar, oficialmente, um presente que simbolizava um pensamento retrógrado, ainda mais depois da quebra da bolsa de valores de Nova Iorque, ocorrida em outubro de 1929, exatamente um ano antes do triunfo da Aliança Liberal.

Sevcenko entende que Vargas compreendeu a dimensão exata da conjuntura política do período e traça, com segurança, uma relação dessa realidade com o conjunto de manifestações artístico-literárias então em voga divulgadas pela geração de 22:

Já Getúlio Vargas não apenas compreendeu os potenciais desse novo imaginário, como logo nos primeiros discursos exaltando a vitória do golpe de Estado avocava a si a paternidade da criança recém-nascida. As forças coletivas que provocaram o movimento revolucionário do Modernismo na literatura brasileira, que se iniciou com a Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo, foram as mesmas que precipitaram, no campo social e político, a Revolução de 30 (SEVCENKO, 2014, p. 318).

Dessa forma, entendemos que compreender, efetivamente, cada situação, atitude, sugestão e demais pormenores existentes nas quarenta e sete cartas elaboradas pela Tríade Indissolúvel e relacioná-las com o componente histórico-social da época é não só uma forma de sobrelevar a história nacional e perpetuar a memória de fatos relevantes do Brasil, mas também construir veredas fecundas para entender e analisar a obra de Felipe D'Oliveira. Com isso, buscaremos subsídios documentais e literários para amplificar a poética do autor no cenário acadêmico e abrir, pela realização da pesquisa, percursos teóricos possíveis que poderão ser investigados por profissionais pertencentes aos estudos literários.

## 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O trabalho em questão inscreve-se, fundamentalmente, no método comparativo dos estudos literários. Conforme os apontamentos de Remak (1994) e Carvalhal (2003), podemos afirmar que a interdisciplinaridade, traço teórico abalizador da Literatura Comparada, alicerça o escopo do presente trabalho e norteia a investigação do *corpus* de pesquisa.

Portanto, como metodologia de análise, propomos uma investigação sequencial que parte da organização cronológica, digitalização, atualização ortográfica das cartas trocadas entre os membros da Tríade Indissolúvel – formada por Felipe D’Oliveira, João Daudt de Oliveira e João Neves da Fontoura – e vultos notáveis do cenário político e cultural brasileiro do final da década de 1920 e início de 1930 do século passado. O resgate documental das missivas, pela sua natureza histórica decisiva, concorre no sentido de contribuir com a memória, em um âmbito geral, do país e, em um domínio local, da cidade de Santa Maria, berço de Felipe D’Oliveira. A apropriação memorialística do autor é, aqui, concebida em concordância teórica com Le Goff:

Portanto, não se tem história sem erudição. Mas do mesmo modo que se fez no século XX a crítica da noção de fato histórico, que não é um objeto dado e acabado, pois resulta da construção do historiador, também se faz hoje a crítica da noção de documento, que não é um material bruto, objetivo e inocente, mas que exprime o poder da sociedade do passado sobre a memória e o futuro: o documento é monumento (Foucault e Le Goff) (LE GOFF, 1996, p. 10).

Passado esse primeiro momento de valorização documental, realizada por meio do cuidado e atenção à parte importante do *corpus* que compõe o estudo, a pesquisa se definirá pela compreensão dos detalhes situacionais de cada carta, a fim de se edificar as notas explicativas necessárias para a total decifração dos acontecimentos descritos nas correspondências. Além disso, pretendemos elaborar um índice onomástico que será anexado aos documentos e que servirá como uma ferramenta de auxílio no entendimento dos sujeitos envolvidos no contexto da Revolução de 1930.

Na sequência, finalizada a esquematização sistemática das cartas, iniciaremos a produção de um estudo que buscará, como objetivo, criar um panorama das intersecções entre

literatura, história, cultura e comportamento das três primeiras décadas do século passado no Distrito Federal brasileiro, acentuando a relevância que a vida e a obra de Felipe D'Oliveira tiveram nesse contexto. Para tanto, possivelmente, realizaremos algumas viagens a institutos culturais de Porto Alegre e Rio de Janeiro com o intuito de esclarecer assuntos pertinentes ao sentido dos textos, além, de, evidentemente, efetuarmos uma pesquisa bibliográfica de assuntos referentes à Revolução de 1930, às personalidades envolvidas e aos estudos literários do período estudado.

Em concomitância com esse procedimento, procuraremos desenvolver um levantamento do repertório poético do autor com a tentativa de se verificar em que medida a arte que ele construiu exerce influência em seus atos revolucionários e o contrário, como sua postura política registra-se na literatura que escreve. Por fim, o intuito é tornar público – por meio da escrita de artigos científicos e apresentação de trabalhos acadêmicos – os resultados da pesquisa, bem como das cartas organizadas, pois, dessa forma, julgamos que poderemos contribuir com a divulgação da figura de Felipe D'Oliveira e com uma clarificação histórica-documental das intenções da Aliança Liberal.

A soma dessas atividades insere-se em um projeto extenso, o qual pretende analisar as relações de Felipe D'Oliveira enquanto cidadão e sua atuação política, e sobretudo as relações do escritor no campo literário, reconstruindo, na medida do possível, a trajetória do autor por meio da teoria dos campos de Bourdieu (1996). Em síntese, temos a pretensão de estabelecer os contornos do campo literário, das disposições, da estrutura dos possíveis e das tomadas de posição de Felipe D'Oliveira ao longo da sua breve vida literária e cidadã, desde o seu ingresso no campo literário em 1911, *Vida Extinta* até a sua consagração definitiva com o capital simbólico, a partir da publicação do livro de matiz modernista e mais festejado, *Lanterna Verde*.

Ao utilizar a teoria dos campos de Bourdieu, pretendemos escapar da crítica literária que focaliza ou somente o interno, ou seja, a análise temática e formal dos poemas do autor, ou apenas o externo, isto é, a contextualização sócio-política do período, pois a pesquisa, na ausência de um desses elementos, pode recair em certas aporias de caráter tanto

exclusivamente histórico quanto literário. Trata-se, em nossa avaliação, de combinar a análise de ambos, um iluminando o outro. Seguimos, portanto, a proposta de Bourdieu:

A ciência da obra de arte tem então por objeto próprio a relação entre duas estruturas, a estrutura das relações objetivas entre as posições no campo de produção (e entre os produtores que a ocupam) e a estrutura das relações objetivas entre as tomadas de posição no espaço das obras. Armada a hipótese da homologia entre as duas estruturas, a investigação pode, instaurando um vaivém entre os dois espaços e entre as informações idênticas que aí são propostas sob aparências diferentes, acumular a informação revelada a um só tempo pelas obras lidas em suas inter-relações e pelas propriedades dos agentes, ou de suas posições, também elas apreendidas em suas relações objetivas: tal estratégia estilística pode, assim, fornecer o ponto de partida de uma investigação sobre a trajetória de seu autor e tal informação biográfica incitar a ler de maneira diferente tal particularidade formal da obra ou tal propriedade de sua estrutura (BOURDIEU, 1996, p. 264 – grifos do autor).

No caso da presente pesquisa, trata-se de perceber uma possível relação de homologia estrutural entre as tomadas de posição de Felipe D'Oliveira enquanto conspirador político e enquanto integrante da alta intelectualidade fluminense das décadas de 1910 e 1920 – campo das relações objetivas –, e os diferentes elementos que formam sua composição poética – campo literário. É importante ressaltar que buscaremos, de maneira continuada, estabelecer uma correspondência entre ambos os campos, contribuindo, dessa forma, para uma compreensão mais completa tanto das cartas quanto da obra do autor santa-mariense.

## REFERÊNCIAS

BLOM, Philipp. **Os anos vertiginosos**: mudança e cultura no Ocidente, 1900-1914. Tradução Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2015.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CARVALHAL, Tania Franco. **O próprio e o alheio**: Ensaio de literatura comparada. São Leopoldo: Unisinos, 2003.



COSTA, Lígia Militz. Felipe D'Oliveira: vida e obra. In: OLIVEIRA, Felipe D'; COSTA, Lígia Militz da (org.); MOREIRA, Eunice (org.); SANTOS, Pedro Brum (org.). **Obra completa**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; Santa Maria: UFSM, 1990.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S. A., 1976.

FILHO, Rodrigo Otávio. Sincretismo e transição: o penumbrismo. In: COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria (orgs.). **A literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: UFF-Universidade Federal Fluminense, 1996.

HOBBSBAUWN, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1918**. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. São Paulo: Ed. Unicamp, 1996.

MARTINS, Wilson. **História da inteligência brasileira: volume 6: 1915-1933**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010.

OLIVEIRA, Felipe D'; COSTA, Lígia Militz da (org.); MOREIRA, Eunice (org.); SANTOS, Pedro Brum (org.). **Obra completa**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; Santa Maria: UFSM, 1990.

REMAK, Henry H. H. Literatura Comparada: definição e função. IN: COUTINHO, E.F. & CARVALHAL, T.F. **Literatura Comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. Tradução de Monique Balbuena.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SILVA, João Pinto de. **História literária do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2013.